

# Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida

CONVENTO DA ARRÁBIDA, 6 E 7 DE NOVEMBRO DE 1998

# A gruta da Figueira Brava (Setúbal) no contexto do Paleolítico Médio Final do Sul e Ocidente ibéricos

|| LUÍS RAPOSO\* || JOÃO LUÍS CARDOSO\*\* ||

**RESUMO** A indústria lítica recolhida na gruta da Figueira Brava é composta por um total de quase quatro milhares de artefactos, ou de cerca de dois milhares e meio, se excluirmos as esquirolas de talhe. Trata-se de uma indústria de ocasião, expedita, sem artefactos de grande recorte tipológico e pouco elaborados, sobretudo devido à má qualidade das matérias-primas disponíveis. É predominante o uso do quartzo, sob a forma de pequenos seixos, recolhidos em conglomerados do Jurássico Superior da Serra da Arrábida, ou terciários, talhado em parte no interior da própria cavidade. As matérias-primas de melhor qualidade, designadamente as rochas silíceas finas, seriam, ao contrário, preparadas essencialmente fora deste local; aqui eram apenas transformadas em diversos utensílios. Os procedimentos de talhe característicos do Paleolítico Médio – discóide e Levallois – são amplamente maioritários, com predomínio esmagador do primeiro. Este facto deve-se provavelmente ao tipo de matérias-primas e sobretudo de suportes iniciais utilizados. Nos utensílios, predominam os raspadores (IR: 57) – e, nestes, os simples convexos, seguidos dos denticulados (Grupo IV: 17) e entalhes (Grupo IVa; 22,6). Tendo em conta os critérios da diagnose bordiana tradicional das indústrias líticas do Paleolítico Médio, pode dizer-se que a indústria da Gruta da Figueira Brava corresponde a Mustierense Típico, rico em denticulados, de talhe não Levallois e fácies não levalloisense.

**ABSTRACT** The lithic industry recovered from the cave of Figueira Brava is made up of a total of nearly four thousand artefacts, or approximately two thousand five hundred artefacts, if we exclude the chippage. It is an occasional, expeditive industry, lacking artefacts with clear typological profiles and not very elaborate, owing, above all, to the poor quality of the available raw material. The industry is made up predominantly of quartz tools produced from small pebbles collected in the conglomerates of the Upper Jurassic of the Serra da Arrábida, or in tertiary deposits, and worked in the interior of the cave. The raw materials of better quality, specifically the fine siliceous rocks, were, in contrast, prepared essentially outside of this area; here they were transformed into a variety of tools. The characteristic industrial procedures of the Middle Palaeolithic – mostly discoids, and Levallois – predominate. This fact is probably due to the type of raw materials and above all the initial blanks used. Among the tools, sidescrapers are predominant (IR: 57) – and, of these, the simple convex – followed by denticulates (Group IV: 17) and notches (Group IVa: 22,6). Taking into account the traditional criteria of Bordes for the classification of Middle Palaeolithic lithic industries, it can be said that the industry of the Gruta da Figueira Brava is a Mousterian, rich in denticulates, of non-Levallois debitage and non-Levallois facies.

## 1. Localização e história das investigações

A gruta da Figueira Brava abre-se sobre o mar, menos de 5 m acima do nível da preia-mar, no sopé da encosta meridional da Arrábida, a ocidente do forte do Creiro. As suas coordenadas são: 38° 28' 23'' de latitude Norte; 8° 59' 42 2 de longitude a Oeste de Greenwich.

Trata-se de cavidade cuja origem se pode considerar como resultante de dois fenómenos diferentes e sobrepostos: actividade cársica, de que resultou o alargamento de uma diaclase vertical que percorre o maciço rochoso, constituído por rochas carbonatadas mais ou menos detríticas (presença de elementos em quantidade e de dimensões variáveis de quartzo, essencialmente sub-rolados), de idade miocénica; e abrasão marinha, em época em que o nível do mar se encontrava cerca de 5 m acima do actual. Foi a segunda acção que predominou: o efeito mecânico da rebentação contra a parede rochosa, pouco resistente, promoveu, na zona de maior fracturação, o escavamento de um espaço, amplo e fundo, à semelhança da que actualmente se forma por baixo da gruta em apreço. Na zona da escarpa, o escavamento foi intenso, criando uma cornija actualmente muito dissimulada pela precipitação de carbonatos, a nascente da entrada actual da gruta; este último fenómeno provocou a obstrução completa da entrada ali existente. Por isso, na actualidade, parece que a abrasão marinha se limitou ao entalhe de rechã rochosa, atapetada de conglomerado de grandes elementos calcários; o vasto abrigo, largo e profundo, correlativo do referido nível marinho, de 5-8 m, do início do último período glaciário, encontra-se hoje completamente disfarçado, quando visto do exterior.

A primeira referência à existência de cavidades neste trecho litoral, deve-se a Breuil e Zbyszewski (1945, p. 326). Mais tarde, C. Tavares da Silva e elementos do Centro de Arqueologia de Almada procederam à recolha de artefactos líticos e de fauna plistocénica (Silva e Soares, 1986). Tais resultados aconselhavam uma exploração mais aprofundada do local, a qual se veio a concretizar, entre 1986 e 1990, por iniciativa do então Centro de Estratigrafia e Paleobiologia da Universidade Nova de Lisboa (coordenação geral a cargo de M. T. Antunes; trabalhos de campo, superiormente autorizados pela então Direcção-Geral de Geologia e Minas a M. T. Antunes e pelo Instituto Português do Património Cultural, a quem foram solicitados, por J. L. Cardoso e C. Tavares da Silva).

Percorrida uma galeria de entrada, larga e alta, com cerca de 12 m de comprimento, amplamente aberta sobre o mar – o que permitiu a instalação de uma casa clandestina, entretanto demolida – atinge-se uma vasta sala interior, de planta assimétrica, cuja abóbada atinge cerca de 10 m de altura. Foi do lado esquerdo desta sala, que se efectuaram as primeiras investigações. Foi seleccionado sector localmente de mais fácil escavação, na ausência de crosta estalagmítica, que apenas se conservava lateralmente; ali se delimitou rectângulo de 1 x 2 m. Tratava-se, ao que tudo indica, de uma depressão pré-existente, na qual se acumularam materiais detríticos finos triados pelo agente de transporte (vento ?), que a colmataram completamente. É desta zona que provém grande quantidade de microfauna, contrastando com a escassez de elementos líticos. A remoção deste depósito derivado foi fácil e cedo se atingiu o fundo rochoso da depressão. As atenções voltaram-se, então, para divertículo largo, que estreitava progressivamente, o qual se desenvolvia do lado oposto da referida sala. À superfície, observava-se, em grande extensão, crosta estalagmítica bem conservada, a qual pressupunha a existência de depósitos intactos em profundidade. Seleccionou-se o lado sul de tal divertículo para a realização de um corte vertical. Este, no final dos trabalhos, atingia o comprimento de cerca de 5 m; a escavação, feita a partir dele, provocou o recuo da respectiva frente de 1 a mais de 2 m. No final, estima-se de 10 a 12 m<sup>3</sup> o volume dos sedimentos retirados para o exterior, os quais foram, primeiro, crivados no local e, depois, integralmente transportados para o laboratório onde foram de novo crivados por via húmida, utilizando-se malhas convenientes para a pesquisa de microfauna, que se revelou, igualmente, abundante.

O prolongamento dos trabalhos tornou claro que a referida galeria não era mais do que o fundo de vasta sala, à época amplamente aberta sobre o mar, isolada do exterior pela

intensa precipitação de carbonatos já aludida e preenchida até ao tecto por sedimentos, selados pela referida crosta estalagmítica. No final dos trabalhos vislumbrava-se ténue claridade vinda do exterior, coada pelas fendas não preenchidas entre o tecto e o topo dos depósitos. A actual galeria prolonga-se para Este, estreitando de tal forma que torna difícil a passagem. Ao fundo, desemboca em vasta sala, observada por C. Tavares da Silva, que a fotografou (Silva e Soares, 1986, Fig. 14). Esta sala merece exploração: é provável que ali se conservem peças ósseas do maior interesse, visto que alguns elementos recuperados nas explorações efectuadas, como o dente de neandertal recolhido na crivagem, correspondem a elementos isolados *post-mortem* e ulteriormente redepositados, sendo talvez dali oriundas.

## 2. Estratigrafia, datação e faunas

---

A estratigrafia observada em corte longitudinal da estreita galeria explorada, é a seguinte, de cima para baixo (Antunes e Cardoso, *in* Antunes, 1990/1991; Cardoso, 1993):

C.1 - camada estalagmítica, constituída por leitos sobrepostos, englobando fragmentos de ânforas e restos de fauna doméstica (ovinos) (0,15 m);

C.2 - areias pouco consolidadas, avermelhadas, localmente mais endurecidas pela precipitação de carbonato de cálcio, como se pode ver nas zonas mais aeradas, da entrada da gruta. Um exame mais atento permite diferenciar, de cima para baixo:

a) areias soltas, correspondendo a remeximentos com materiais modernos, sobretudo ossos de aves marinhas e fragmentos de ânforas romanas;

b) depósito pouco remexido, com abundante fauna plistocénica e indústrias líticas (0,80 m).

A formação desta camada corresponde à deposição de finos leitos, essencialmente arenosos, sub-horizontais. Em parte, trata-se de areias acumuladas pelo vento contra a parede do fundo da gruta; não se pode, porém, esquecer o contributo antrópico. Tratando-se de vasta sala, o homem poderia ali livremente circular, desenvolvendo diversas actividades que faziam parte do seu quotidiano: assim se explica a presença de abundantes blocos de quartzo dispersos pela camada. São manuportes, constituindo matéria-prima em bruto ou utilizados em estruturas de combustão arrasadas, cuja presença é denunciada pelo facto de alguns deles acusarem rubefacção acentuada. A C.2 continha, pois, grande quantidade de elementos heterogéneos, desde conchas, ossos, indústrias, blocos não afeiçoados e, ainda, raros fragmentos cerâmicos romanos, cuja superfície nalguns casos, já conservava crostas aderentes de sedimento. Trata-se de depósito remobilizado em cujo processo de formação a água de circulação no interior do maciço teria tido também papel significativo.

Apesar dos aludidos remeximentos devidos a causas naturais – para já não falar dos devidos à acção de carnívoros, répteis e pequenos mamíferos – as indústrias líticas adiante estudadas são globalmente homogéneas, facto que justificou o seu tratamento em conjunto.

C.3 - camada mais endurecida, amarelo-acinzentada, com fauna escassa, materiais líticos e restos carbonosos (0,25 m);

C.4 - leito escuro carbonoso, de alguns centímetros de espessura;

A existência destes dois finos leitos basais, constituídos por cinzas e restos carbonosos, indica a prática do fogo no interior do vasto abrigo, já denunciada pelos calhaus com rubefacção antes referidos; tais leitos têm equivalência em outros, com idêntica posi-



ção estratigráfica, observados no exterior. Trata-se de depósitos remobilizados, talvez em época de abandono temporário da cavidade, quando o chão desta era varrido pelo vento, situação fácil de aceitar atendendo às características primitivas do abrigo.

C.5 - conglomerado de grandes seixos de calcários e dolomitos jurássicos, por vezes muito alterados e corroídos, ultrapassando com frequência 0,20 m de diâmetro máximo, assente no substrato miocénico (0,20 m).

Este conglomerado atapetava o chão da gruta à época da primeira presença humana ou animal nela observada. A sua idade poderá relacionar-se com o episódio transgressivo registado no início do último período glaciário, conducente às praias e terraços de 5-8 m (Zbyszewski e Teixeira, 1949), o qual se encontra bem representado no litoral meridional da Arrábida (Cardoso, 1994, 1998).

No conjunto, a sucessão descrita não ultrapassa 1,0 m de espessura.

Dispõe-se de uma data de radiocarbono obtida sobre conchas recolhidas na C.2 (Antunes et al., 1989): ICEN - 387 - 30 930 ± 700 BP. As conchas submetidas a análise exibiam todas o mesmo grau de fossilização, nitidamente diferente das escassas conchas modernas que esparsamente, ocorriam em bolsadas na parte superior da camada. Seleccionaram-se, para o efeito, conchas de *Patella* sp.: o resultado foi considerado fiável, até porque respeita à parte interna das conchas; o valor relativo à fracção intermédia é estatisticamente idêntico ao anterior e serve de confirmação: ICEN - 386 - 30 050 ± 550 BP. Verifica-se, por outro lado, que os teores em <sup>13</sup>C e em <sup>18</sup>O indicam ausência de contaminação, pelo que os resultados se poderão aceitar como correctos ou estarem, mesmo, um pouco envelhecidos, atendendo ao efeito de reservatório oceânico, não quantificado para a época em causa.

Os cerca de quatrocentos restos de grandes mamíferos que foi possível identificar (Cardoso, 1993, 1996) correspondem a espectro faunístico diversificado, desde grandes herbívoros, que encontrariam na vasta planície litoral, então emersa, pasto em abundância (rinoceronte, boi selvagem, cavalo), até espécies de domínios montanhosos, como os existentes na Arrábida, onde aliás se conhecem indústrias líticas idênticas (Antunes et al., 1992), de que é exemplo a cabra-montês. Veado, cavalo, boi selvagem e cabra-montês são as espécies mais frequentes do registo, evidenciando a exploração, por homens e carnívoros, de biótopos diferentes.

A predominância do veado, sugere manchas florestais pontuando a planície litoral ou os contrafortes da serra e um clima pouco rigoroso, talvez do tipo temperado-frio, como indica a presença conjugada do extinto *Pinguinus impennis* (Mourer-Chauviré e Antunes, 1991), a par de *Pusa hispida*, foca que actualmente exhibe distribuição nórdica.

### 3. Indústria lítica

---

A indústria lítica recolhida na gruta da Figueira Brava foi recentemente objecto de um estudo preliminar para que remetemos leitor, dispensando-nos aqui de repetir do detalhes então apresentados (Raposo e Cardoso, 1999).

Em termos gerais, pode dizer-se que ela se compõe por um total de quase quatro milhares de artefactos, ou de cerca de dois milhares e meio, se excluirmos as esquirolas de talhe. Trata-se de uma indústria de ocasião, expedita, sem artefactos de grande recorte tipológico e pouco elaborados, sobretudo devido à má qualidade das matérias-primas disponíveis.

As suas principais características podem ser resumidas como segue:

- O quartzo é largamente predominante, sob a forma de pequenos seixos, recolhidos em conglomerados do jurássico superior da Serra da Arrábida, ou terciários.
- A raridade de outros tipos petrográficos, como as rochas siliciosas finas, as jaspóides e as porfiróides, ocorrentes também nos mesmos afloramentos, reflecte essencialmente a sua escassez nos depósitos onde foram procurados.
- Algumas rochas siliciosas finas poderiam ser recolhidas em pequenos leitos interestratificados em calcários jurássicos da Serra de São Luís.
- Os calcários seriam sobretudo recolhidos em cascalheiras do litoral adjacente, como ainda actualmente se observa nas ali existentes.
- Indústria de ocasião, expedita, sem artefactos de grande recorte tipológico e pouco elaborados, sobretudo devido à má qualidade das matérias-primas disponíveis.
- O quartzo foi parcialmente talhado no local, bem como o calcário.
- As matérias-primas de melhor qualidade, designadamente as rochas siliciosas finas, seriam, ao contrário, preparadas essencialmente fora deste local; aqui eram apenas transformadas em diversos utensílios. A sua relativa escassez sugere utilização em actividades mais ou menos afastadas do sítio ocupado (caça e recollecção).
- Os procedimentos de talhe característicos do Paleolítico Médio – discóide e Levallois – são amplamente maioritários, com predomínio esmagador do primeiro.
- O talhe Levallois encontra-se fracamente representado, talvez devido à pequena dimensão dos nódulos de quartzo maioritariamente utilizados.
- No quartzito, com seixos de maiores dimensões, o talhe Levallois encontra-se melhor representado.
- A percentagem de ocorrência de utensílios é normal em indústrias de ar livre, mas algo baixa para indústrias em gruta. Este facto, corrobora a interpretação do local como abrigo sob rocha, com fácil acesso às formações sedimentares exteriores, onde poderiam abundar os clastos utilizáveis no fabrico expedito de utensílios.
- Nos utensílios, predominam os raspadores (IR: 57) – e, nestes, os simples convexos – seguidos dos denticulados (Grupo IV: 17) e entalhes (Grupo IVa: 22,6).
- Documenta-se a existência de utensílios em rochas alóctones, especialmente as siliciosas finas, observação reforçada pela desproporção da relação núcleos/utensílios verificada respectivamente no quartzo e nas referidas rochas.
- Tendo em conta os critérios da diagnose bordiana tradicional das indústrias líticas do Paleolítico Médio, a indústria da Gruta da Figueira Brava corresponde a um Mustierense Típico, rico em denticulados, de talhe não Levallois e fácies não levalloisense.
- Os artefactos (utensílios e núcleos) de “tipo Paleolítico Superior” são meramente residuais.

#### 4. Contextualização arqueológica

---

Esta indústria lítica, associada à presença de restos neandertalenses e com a datação recente que lhe pôde ser atribuída, vem constituir mais um importante conjunto integrável nas cerca de duas dezenas de sítios idênticos reconhecidos no Sul de Espanha e em Portugal (v. Raposo e Cardoso 1998; Raposo, no prelo), permitindo confirmar a tese do prolongamento extraordinário do complexo mustierense, e das populações neandertais, na região considerada.

Com efeito, a sobrevivência até muito tarde (28 ou 27 mil anos) das indústrias mustierenses portuguesas não constitui ocorrência isolada no conjunto da Península Ibérica. Porém, os dados portugueses são neste aspecto especialmente significativos. Com efeito, desde que pela primeira este cenário foi sugerido no Sul de Espanha por L. G. Vega Toscano, houve grande prudência na sua aceitação, fosse porque a maior parte das datações se baseava em argumentos geo ou bioestratigráficos, fosse porque se duvidava da fiabilidade e exacta proveniência estratigráfica das poucas datações absolutas então disponíveis. Ora, os dados portugueses, sendo mais precisos, baseando-se em datações radiométricas e em outro tipo de argumentos estratigráficos que não é possível aqui desenvolver (v. Raposo, no prelo), vêm assim reforçar consideravelmente os elementos já conhecidos no Sul de Espanha.

É, assim, notória a ocorrência de uma área geográfica de ocorrência destes sítios mustierenses datados de menos de 35 mil anos, desde o Levante espanhol até à Estremadura portuguesa. A ausência de sítios na zona compreendida entre a bacia do Guadalquivir e o litoral do Alentejo pode ser atribuída ou à natureza das coberturas sedimentares, ou, principalmente à falta de investigação relevante neste domínio geográfico. Os dois únicos locais situados fora desta área não constituem propriamente excepções, mas antes situações para as quais se podem perspectivar interpretações do maior interesse: Los Ermitons representará talvez um local de montanha, onde populações neandertalenses se mantiveram marginalmente até tarde, quando, a baixa altitude, já a região envolvente seria ocupada por grupos aurignacenses; Jarama VI sugere-nos toda uma outra reflexão sobre o povoamento do interior ibérico durante esta fase, o qual continua ainda quase inteiramente desconhecido. Este padrão territorial deve, aliás, ser conjugado com a conhecida ocorrência na Cantábria e na Catalunha de ocupações humanas do Paleolítico Superior, aurinhacenses e gravetenses, provavelmente desde há cerca de 40 mil anos.

A plena explicação da sobrevivência até muito tarde do Mustierense e das populações neandertalenses no Sul e Ocidente ibéricos requer, segundo cremos, uma abordagem mais alargada, tanto do ponto de vista geográfico como do ponto conceptual. Quer isto dizer que o mero argumento geográfico, considerando a península Ibérica como um “fim do mundo”, o último território que a humanidade moderna teria alcançado durante a sua vaga invasora da Europa, de Leste para Oeste, há cerca de 40 mil anos, nos parece demasiado simplista. A ser assim, perguntar-se-ia porque terá tal vaga parado, durante dez mil anos, no Norte e Nordeste ibéricos, sem penetração para o Interior, Ocidente e Sul da Península.

Poder-se-á argumentar que essa ocupação não se deu, precisamente porque aí estavam os neandertais – o que não sendo estulto, não constitui também por si só resposta, porque os mesmos neandertais estavam em toda a restante Europa e tal não impediu a ocupação moderna, quando ela se deu, em vaga invasora, muito rápida (cerca de 3 a 4 mil anos, se tivermos em conta as datas obtidas em sítios situados desde a Bulgária até às zonas catalã e cantábrica). De resto, tanto na península itálica como na península balcânica, onde as populações neandertalenses não terão sobrevivido até ao tarde, também não parece ter ocorrido um povoamento significativo por parte do Homem Moderno, senão há cerca de 25 mil anos, havendo um quase despovoamento humano dessas áreas durante os cerca de dez mil anos precedentes.

Uma análise dos ambientes físicos e dos mecanismos biológicos reprodutivos das espécies vivas, ou seja, uma análise paleo-ecossistémica, será porventura a melhor via explicativa da ocorrência histórica detectada no Sul e Ocidente ibéricos. Começar-se-á, neste caso,



por observar constituir a fronteira que durante cerca de 10 mil anos estabelece a delimitação entre populações neandertalenses, a Sul e Ocidente, e populações modernas, a Norte e Nordeste, tão-somente a que desde sempre, e ainda hoje, permite distinguir a massa continental Ibérica, incluindo a suas orlas litorais meridionais, de clima temperado-quente (mais próximo do modelo norte-africano), de uma outra Ibéria setentrional, de clima temperado-frio (mais próximo do modelo europeu). Mas será perigosamente insuficiente ficar por aqui. Torna-se vital explicar depois, e logo demonstrar, em que medida o clima pôde condicionar as populações humanas e animais, a ponto de originar os padrões históricos detetados. Um de nós, procurou sugerir este percurso noutra ocasião (Raposo, no prelo). Retomamos agora, desse trabalho, as suas considerações finais.

A Península Ibérica, um verdadeiro subcontinente por si própria, oferece o terreno ideal para colocar um dos principais territórios de origem dos neandertais. De facto, aquilo que parece emergir é o grande equívoco de, ainda em final do século XX, continuar a considerar o “Homem de Neandertal” como entidade especialmente adaptada ao frio, cometendo assim cumulativamente dois erros: o de considerar que todos os neandertais, independentemente da sua cronologia, podem ser subsumidos no conceito de “neandertal clássico”; e o de considerar que os territórios de tais “neandertais clássicos” constituem a sua pátria de origem. Nem uma, nem outra coisa julgamos provadas, parecendo-nos, pelo contrário, que andámos demasiado tempo a ver a realidade em negativo: considerando como “periferias” (a Europa meridional), aquilo que verdadeiramente é o território de origem da entidade neandertalense; e considerando como “incharacterísticas” ou “primitivas” aquilo que de facto são as suas características próprias, plesiomórficas, encontradas em fósseis que se estendem da região balcânica e da Itália, até ao Sul de Espanha.

Nestes termos, se tivermos em conta o percurso histórico (de povoamento e de despovoamento) ocorrido nas três penínsulas meridionais da Europa, acima evocado, e se a ele acrescentarmos as condições naturais de isolamento e a dimensão geográfica de cada uma delas, teremos talvez aberto o caminho para a explicação da sobrevivência das populações neandertalenses ibéricas até há menos de 30 mil anos; teremos também contribuído para explicar o aparente quase despovoamento da Itália e da Grécia a partir do mesmo período e até há cerca de 25 mil anos. A não ocupação precoce do Centro, Sul e Oeste da Península Ibérica por parte das populações biologicamente modernas e a discreta frequência que elas assinalam nas Penínsulas Itálica e Balcânica, poderia ser devida à acção combinada de dois factores: a possível dificuldade de adaptação aos seus respectivos ambientes naturais e, sobretudo, a circunstância desses ambientes serem já de facto ocupados por populações progressivas (não no sentido de uma aproximação à entidade *sapiens* moderna, mas sim no estrito sentido biológico, adentro da entidade neandertalense), ainda que possivelmente menos evoluídas nos planos tecnológico e cultural, em sentido geral.

Seria de esperar, nas condições indicadas, que a dimensão dos territórios das três penínsulas meridionais da Europa tivesse desempenhado um papel decisivo. Territórios mais pequenos e geograficamente mais acessíveis teriam dado origem a todo o tipo de fenómenos de aculturação e/ou rápido declínio populacional e extinção das populações “menos equipadas” (“menos equipadas”, querendo dizer, neste contexto, que experimentavam maiores dificuldades adaptativas, seja em termos estritamente biológicos – taxas de reprodução, resistências epidémicas, etc. –, seja em termos culturais – práticas de caça e recolha, procedimentos tecnológicos, eficácia dos utensílios, etc.). Territórios maiores e menos acessíveis, teriam estimulado a manutenção de características culturais distintas e a mais



prolongada sobrevivência das populações antigas, que dispunham de espaços reprodutivos suficientemente vastos. Isto pode ter sido o que aconteceu respectivamente na Grécia e Itália, a Este, e em Portugal e Espanha mediterrânea, a Oeste. Se aos percursos humanos acrescentarmos os da fauna, que também evidenciam particularismos e endemismos que suportam o cenário aqui traçado, então teremos a explicação global que nos permite compreender a sobrevivência tardia dos neandertais em sítios como a Figueira Brava.

#### INDÚSTRIA LÍTICA – TOTAL

	Quartzo	Quartzito	Sillicosas	Jaspóides	Calcárias	TOTAL
<b>Debitagem</b>						
	<i>(incluindo utensílios sobre lasca)</i>					
	tot - ut	tot - ut	tot - ut	tot - ut	tot - ut	tot - ut
<b>Esquirolas</b>	1377	15	7	8	3	<b>1410</b>
iniciais	91 - 2	4 - 0	1 - 0	1 - 0	4 - 0	101 - 2
de descorticação						
talão cortical	773 - 87	27 - 1	11 - 1	1 - 0	11 - 3	823 - 92
talão liso	56 - 16	5 - 1	2 - 2	1 - 1	3 - 0	67 - 20
talão diedro	6 - 2	0 - 0	1 - 0	0 - 0	0 - 0	7 - 2
talão facetado	39 - 12	0 - 0	0 - 0	1 - 0	0 - 0	40 - 12
talão punctiforme	43 - 11	4 - 1	0 - 0	0 - 0	0 - 0	47 - 12
talão irreconhecível	97 - 42	3 - 3	2 - 2	0 - 0	0 - 0	102 - 47
(total)	1014 - 170	39 - 6	16 - 5	3 - 1	14 - 3	1086 - 185
de preparação						
talão liso	90 - 24	14 - 2	24 - 6	13 - 0	6 - 0	147 - 32
talão diedro	30 - 3	1 - 1	11 - 1	4 - 0	1 - 0	47 - 5
talão facetado	90 - 35	11 - 0	25 - 4	0 - 0	0 - 0	126 - 39
talão punctiforme	66 - 19	2 - 0	14 - 2	2 - 0	3 - 0	87 - 21
talão irreconhecível	460 - 51	8 - 2	52 - 3	13 - 0	21 - 0	554 - 56
(total)	736 - 132	36 - 5	126 - 16	32 - 0	31 - 0	961 - 153
(total)	1841 - 304	79 - 11	143 - 21	36 - 1	49 - 3	2148 - 340
<b>Lascas</b>						
Levallois						
centrípetas	29 - 16	4 - 1	2 - 0	1 - 0	1 - 0	37 - 17
apontadas	3 - 1	1 - 0	1 - 0	1 - 0	0 - 0	6 - 1
laminares	1 - 0	0 - 0	0 - 0	1 - 0	0 - 0	2 - 0
(total)	33 - 17	5 - 1	3 - 0	3 - 0	1 - 0	45 - 18
(total)	1874 - 321	84 - 12	146 - 21	39 - 1	50 - 3	2193 - 358
<b>Núcleos</b>	321	8	8	5	3	345
<b>TOTAL GLOBAL</b>	<b>3572</b>	<b>107</b>	<b>161</b>	<b>52</b>	<b>56</b>	<b>3948</b>
(total sem esquirolas)	2195	92	154	44	53	2538

tot - total de suportes; ut - suportes transformados em utensílios

FIG. 1 – Indústria lítica de Gruta da Figueira Brava. Contagens totais.

#### NÚCLEOS

	Quartzo	Quartzito	Sillicosas	Jaspóides	Calcárias	TOTAL
Levallois	6	2	3	0	0	11
Discóides 1	68	1	0	0	1	70
Discóides 2	34	0	0	0	0	34
Globulosos	29	1	1	0	2	33
Piramidais	3	0	0	0	0	3
Diversos	15	0	0	1	0	16
Informes	42	2	0	0	0	44
Fragmentos 1	101	0	4	4	0	109
Fragmentos 2	23	2	0	0	0	25
<b>TOTAL</b>	<b>321</b>	<b>8</b>	<b>8</b>	<b>5</b>	<b>3</b>	<b>345</b>

(Fragm. 1: núcleos fragmentados; Fragam. 2: fragmentos nucleares)

FIG. 2 – Indústria lítica da Gruta da Figueira Brava – Núcleos.

UTENSÍLIOS

	Quartzo	Quartzito	Sillicosas	Jaspóides	Calcárias	TOTAL
<b>Raspadores</b>						
(1) simples rectos	16	3	4	0	2	25
(2) simples convexos	62	1	2	0	0	65
(3) simples côncavos	10	0	1	0	0	11
(4) duplos	16	1	1	0	0	18
(5) convergentes	20	0	0	0	0	20
(6) transversais	9	0	2	0	0	11
(7) sobre face plana	17	2	0	1	0	20
(8) de retoque abrupto	10	0	0	0	0	10
(9) de retoque alterno	11	0	0	0	0	11
(10) de gume denticulado	13	0	0	0	0	13
(11) <b>Buris e outros</b>	3	0	0	0	0	3
(12) <b>Furadores e outros</b>	34	0	0	0	0	34
(13) <b>Facas de dorso</b>	3	0	0	0	0	3
(14) <b>Entalhes</b>	17	3	0	0	0	20
(15) <b>Denticulados</b>	52	0	8	0	1	61
(16) <b>Lascas retocadas</b>	27	1	3	0	0	31
(17) <b>Seixos talhados</b>	0	1	0	0	1	2
<b>TOTAL</b>	<b>320</b>	<b>12</b>	<b>21</b>	<b>1</b>	<b>4</b>	<b>358</b>

FIG. 3 – Indústria lítica da Gruta da Figueira Brava – Utensílios.

ÍNDICES TÉCNICOS

(segundo valores de referência de F. Bordes e H. de Lumley)

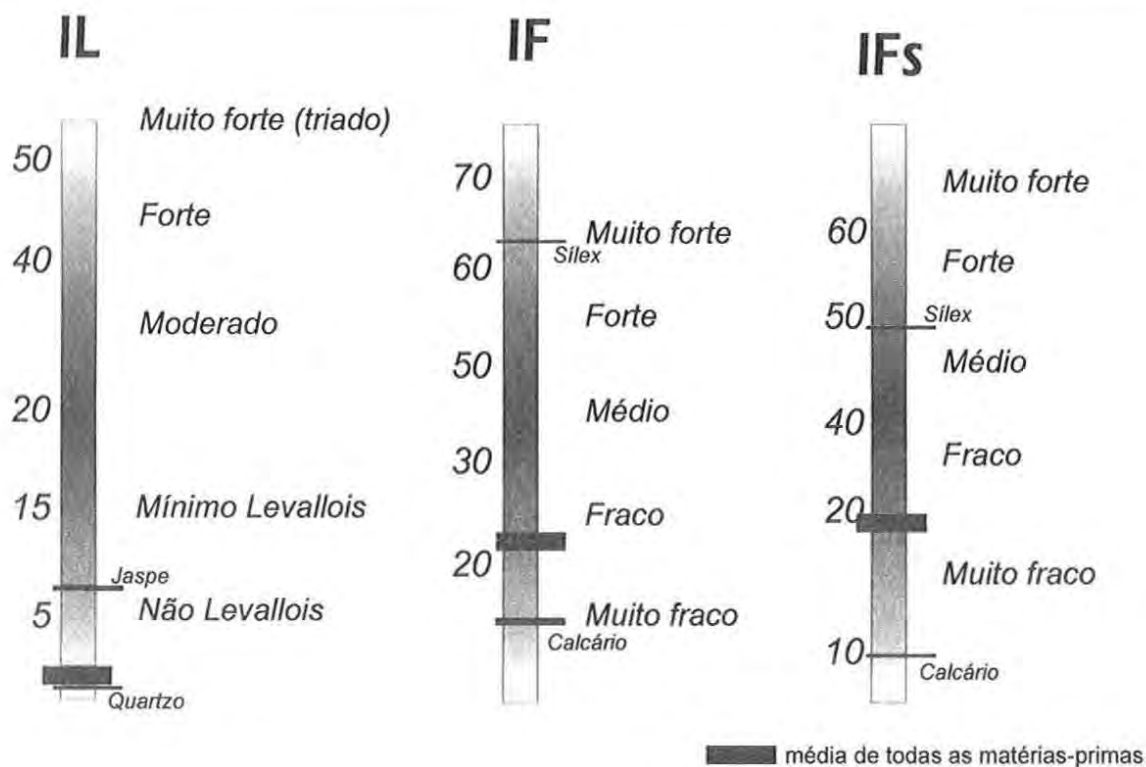


FIG. 4 – Representação gráfica dos principais índices técnicos da indústria lítica da Gruta da Figueira Brava, apresentados em relação aos valores de referência propostos por François Bordes e Henri de Lumley.

**ÍNDICES TIPOLÓGICOS**  
(segundo valores de referência de F. Bordes e H. de Lumley)

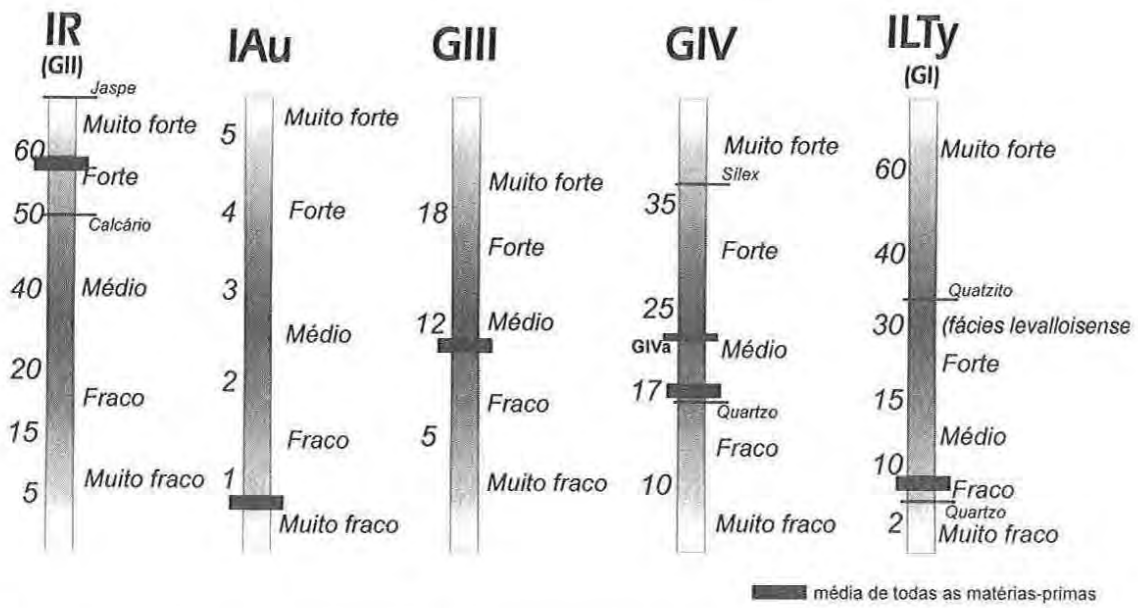


FIG. 5 - Representação gráfica dos principais índices tipológicos da indústria lítica da Gruta da Figueira Brava, apresentados em relação aos valores de referência propostos por François Bordes e Henri de Lumley.

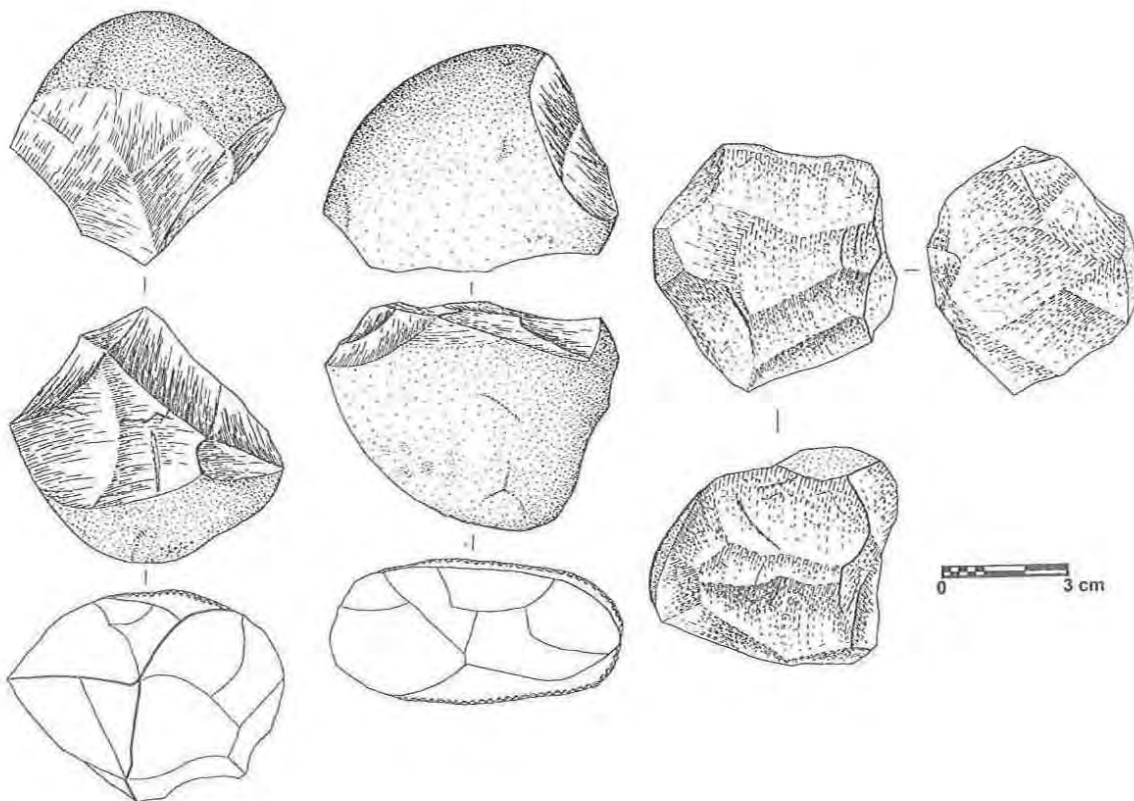


FIG. 6 - Esboços de núcleos e núcleos e estado inicial de conformação.



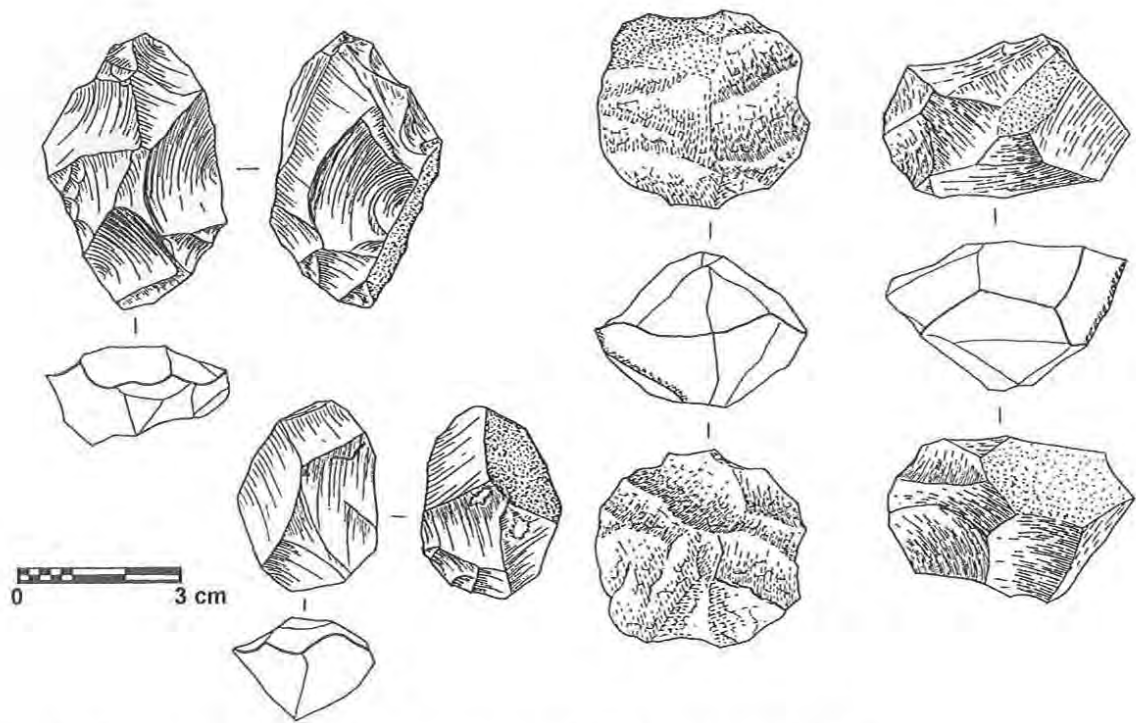


FIG. 7 – Núcleos organizados em duas faces secantes opostas: discóides centrípetos e alongados.

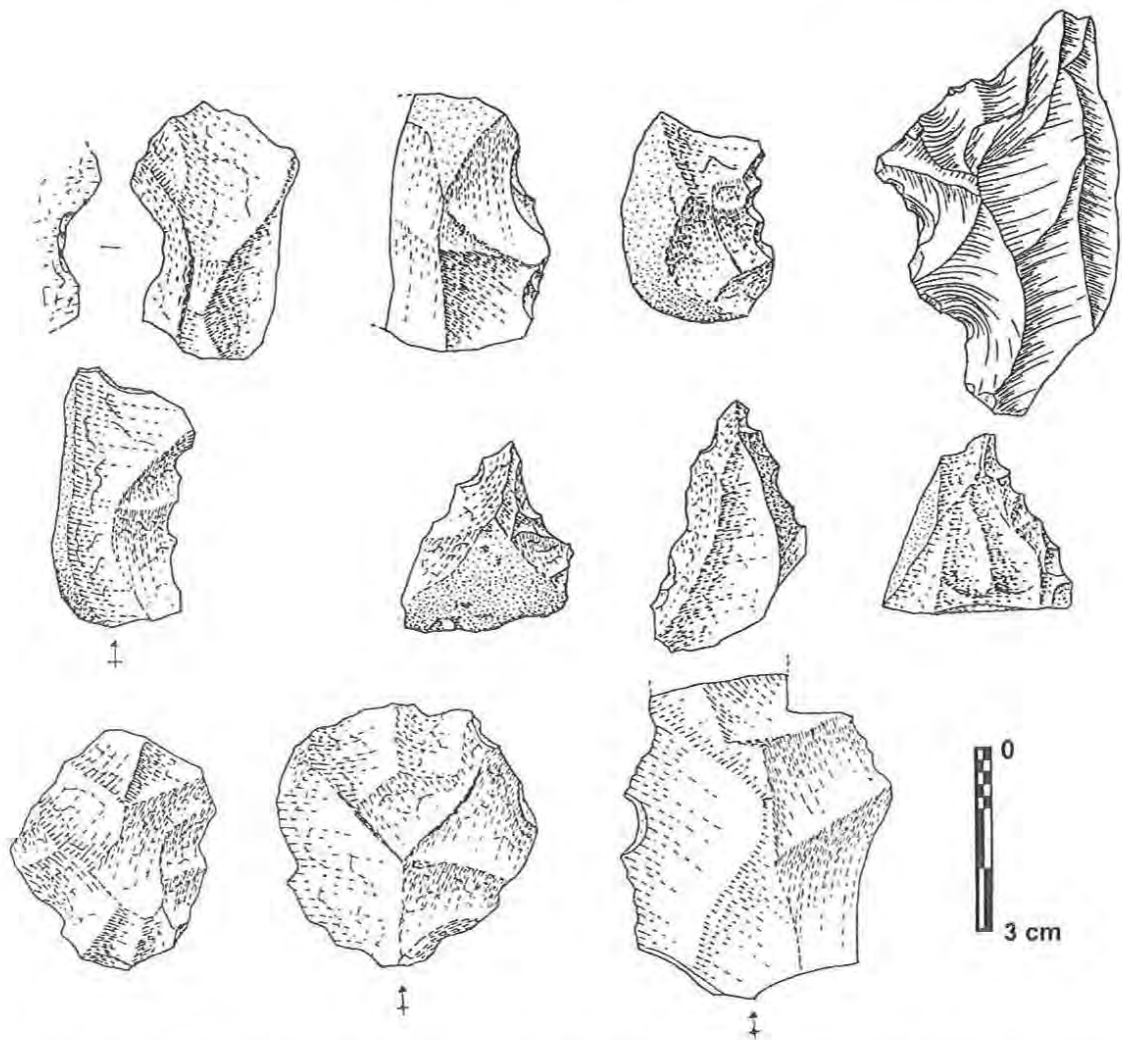


FIG. 8 – Utensílios diversos sobre lasca (denticulados e entalhes, face de dorso, furadores e pontas perfurantes) e talhe Levallois.

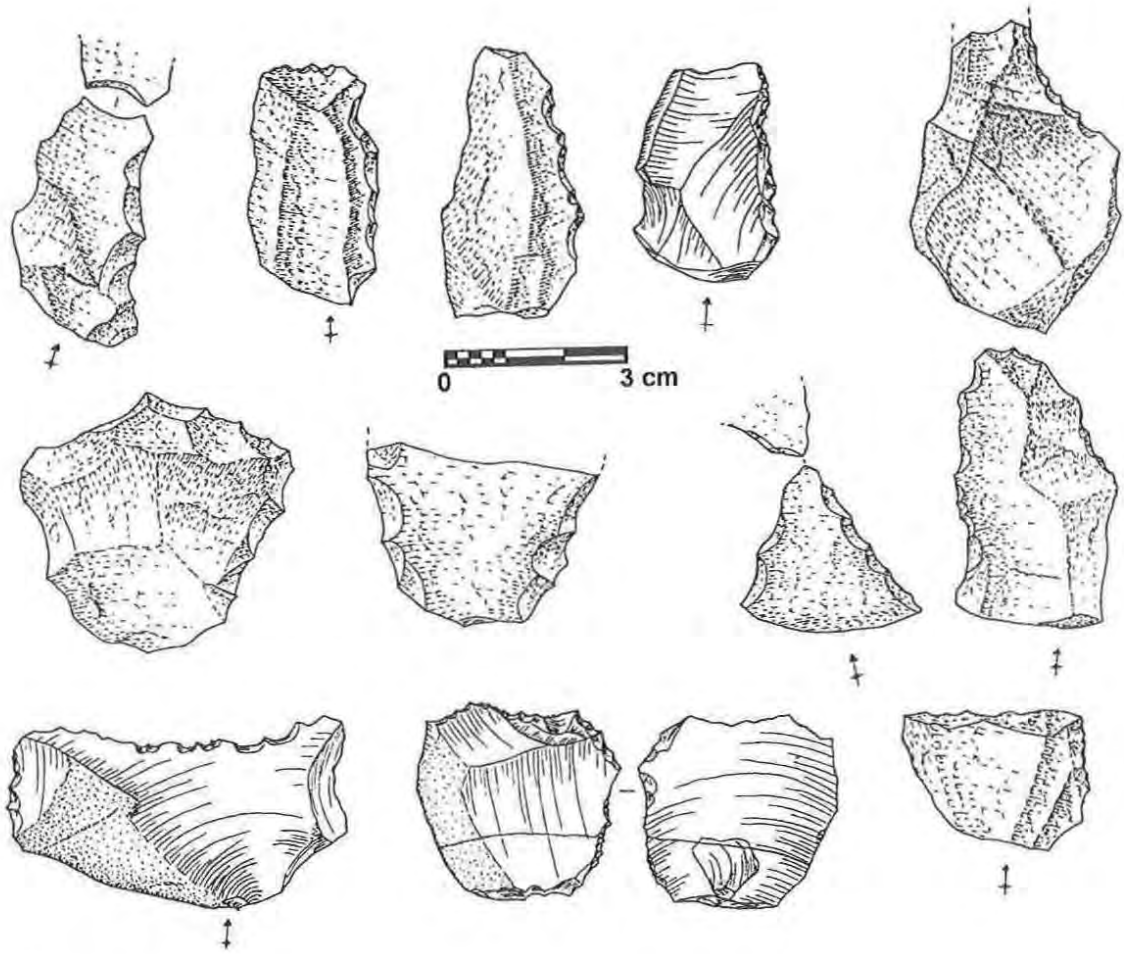


FIG. 9 – Raspadores de diferentes tipos.

## BIBLIOGRAFIA

---

- ANTUNES, M. T. (1990/1991) - O Homem da gruta da Figueira Brava (ca. 30 000 BP). Contexto ecológico, alimentação, canibalismo. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa. Série C. 31, p. 487-536.
- ANTUNES, M. T.; CABRAL, J. M. P.; CARDOSO, J. L.; PAIS, J.; SOARES, A. M. M. (1989) - Paleolítico Médio e Superior em Portugal. Datas 14 C, estado actual dos conhecimentos, síntese e discussão. *Ciências da Terra*. Lisboa. 10, p. 127-138.
- BREUIL, H.; ZBYSZEWSKI, G. (1945) - *Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la Géologie du Quaternaire. Les principaux gisements des plages quaternaires du littoral et des terrasses fluviales de la basse vallée du Tage* (Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal; 26).
- CARDOSO, J. L. (1993) - *Contribuição para o conhecimento dos grandes mamíferos do Plistocénico Superior de Portugal*. Oeiras: Câmara Municipal.
- CARDOSO, J. L. (1994) - O litoral sesimbrense da Arrábida. Resenha dos conhecimentos da sua evolução quaternária e das ocupações humanas correlativas. *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 4, p. 5-12.
- CARDOSO, J. L. (1996) - Les grands mammifères du Pléistocène Supérieur du Portugal. Essai de synthèse. *Geobios*. 29:2, p. 235-250.
- CARDOSO, J. L. (1998) - Arqueologia da região meridional da península de Setúbal. Breve síntese baseada nos principais testemunhos arqueológicos. *Al-madan*. Almada. Série 2. 7, p. 23-36.
- RAPOSO, L.; CARDOSO, J. L. (1995) - As indústrias paleolíticas da Gruta da Figueira Brava (Setúbal). *Actas da 3.ª reunião do Quaternário Ibérico* (Coimbra, 1993). Coimbra, p. 451-456.
- RAPOSO, L. (1995) - Ambientes, territorios y subsistencia en el Paleolítico Medio de Portugal. *Complutum*. Madrid. 6, p. 57-77.
- RAPOSO, L.; CARDOSO, J. L. (1998) - Las industrias líticas de la Gruta Nova de Columbeira (Bombarral, Portugal) en el contexto del Musteriense Final de la Península Ibérica. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 55:1, p. 39-62.
- RAPOSO, L.; CARDOSO, J. L. (1999) - Breve caracterização da indústria lítica da gruta da Figueira Brava (Setúbal), Os últimos neandertais em Portugal: evidência odontológica e outra. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe das Ciências*. Lisboa. 38, p. 305-323.
- RAPOSO, L. (no prelo) - The Middle-Upper Palaeolithic Transition in Portugal, *Neanderthals on the edge: 150th anniversary of the Forbes Quarry discovery*, Gibraltar, Oxbow Books: Oxford.
- SILVA, C. T. da; SOARES, J. (1986) - *Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Natural (Parques Naturais, 15).
- ZBYSZEWSKI, G.; TEIXEIRA, C. (1949) - Le niveau quaternaire marin de 5-8 m au Portugal. *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*. Lisboa. 8:1-2, p. 1-6.
- 

\* Museu Nacional de Arqueologia e Universidade Lusíada, Lisboa.

\*\* Academia Portuguesa da História e Universidade Aberta, Lisboa.